

A construção do herói no romance de formação *Juliano Pavollini*

Juliano Pavollini, estruturado em tom confessional e autobiográfico, apresenta, na década de 50, a história do protagonista-título que escreve em papéis avulsos na cadeia a sua vida, desde a infância para uma única espectadora: a psicóloga Clara. O narrador autodiegético foi condenado por matar Isabela, sua tia postíça, dona de um bordel em Curitiba, que o acolheu quando ele fugiu de casa porque não queria mais ficar com sua família desafortunada e pobre. Para Bakhtin (1997), *Juliano Pavollini* se encaixa no que ele chama de “terceiro tipo de romance de formação” que é o tipo autobiográfico, já que o protagonista-título narra sua própria história, além disso:

Nele [no romance de formação autobiográfico] está ausente o elemento cíclico. A transformação se insere no tempo biográfico, atravessa fases individuais não generalizáveis. Tal romance pode ser típico, mas a tipificação desse tempo já não é cíclica. A transformação é o resultado de um conjunto de circunstâncias, de acontecimentos, de atividades, de empreendimentos, que modificam a vida. É o destino do homem que se constrói, e, ao mesmo tempo, este se constrói, constrói seu caráter. A elaboração da vida - destino se confunde com a formação do próprio homem. (BAKHTIN, 1997, p.239)

A estrutura de *Juliano Pavollini* se assemelha a um romance de formação, já que o narrador autodiegético fala no primeiro capítulo sobre sua infância, apesar de ser pouco aprofundada. Tal romance se divide em quatro partes: “16 anos”, quando Juliano foge de casa, no interior do Paraná, após a morte de seu pai e mora com Isabela no bordel; “17 anos”, quando o protagonista conhece Odair, seu amigo de malandragem, além da paixão por Doroti, uma moça estudiosa, filha de advogado renomado; “18 anos”, quando Juliano comete o crime citado; “Fim”, quando Juliano já está na cadeia, refletindo sobre o que fez no passado.

Juliano Pavollini é considerado um romance de formação, visto que a própria divisão em capítulos com os títulos relacionados às etapas da vida do protagonista indicava o progresso e o amadurecimento dele. Jacobs (*apud* MASS, 2000) explica o assunto tratado nos *Bildungsroman*, tal como o romance tezziano, como esta passagem:

¹ Mestrando em Estudos Literários na Faculdade de Formação de Professores — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, localizada em São Gonçalo, RJ.

Devem ser consideradas como pertencentes ao gênero obras em cujo centro esteja *a história de vida de um protagonista jovem, história essa que conduz, por meio de uma sucessão de enganos e decepções, a um equilíbrio com o mundo*. Esse equilíbrio é frequentemente descrito de forma reservada e irônica; entretanto, ele é, como meta ou ao menos como postulado, parte necessariamente integrante de uma história da "formação" (*apud* MASS, 2000, p. 62, *grifo nosso*)

Os enganos e decepções enfrentados pelo herói tezziano se referem à relação afetivo-amoroso que Juliano sente pela tia postiça, em paralelo, ao sentimento nutrido por Doroti. O protagonista, desde o encontro dele com Isabela no ônibus a Curitiba, vê-la como uma salvadora de afastá-lo da pobreza em que vivia com a família, principalmente após a morte do pai. No entanto, ao conhecer no colégio, Doroti, sua futura namorada, percebe que, ao ficar com Isabela, não iria progredir na vida, já que ela é cafetina, resultando assim em engano. Com Doroti, há decepção, porque, ao confessar a ela que matou Isabela, depois de tentar abandoná-la, Juliano é preso pelo seu sogro.

O narrador autodiegético manipula a história para apresentar sua melhor versão ao leitor, por meio de evolução do protagonista ao longo dos capítulos do romance de formação, tal como ocorre em *Juliano Pavollini*. O herói tezziano, ao narrar sua história até o momento do crime à psicóloga da prisão, busca apresentar inicialmente um “eu” imaturo quando chegou a Curitiba, 15 anos, até chegar a um “eu” mais maduro, esperto, quando começou a namorar Doroti, aos 18 anos. Franco Moretti (2020) explica a ilusão narrativa que o *Bildungsroman* causa no leitor que cria empatia com o narrador autodiegético manipulador do discurso, conforme indica esta passagem:

Em linhas gerais, o Bildungsroman faz com que o leitor perceba o texto através dos olhos do protagonista: o que é completamente lógico, visto que este é aquele que deve se formar, e a leitura se propõe, também, como um percurso de formação. O olhar do leitor é então articulado sobre aquele do protagonista: o primeiro se identifica com o segundo, compartilha a parcialidade e a individualidade de suas reações. Mas — em um dado momento — deseja se livrar dele: porque quando é obrigado a assumir um ponto de vista, não importa qual seja, ele quer, antes de mais nada, ver. Algo que, cedo ou tarde, o leitor descobre que o protagonista não lhe permite, ou pelo menos não suficientemente, porque o seu ponto de vista é muitas vezes errôneo. (MORETTI, 2020, p.72)

De acordo com Beatriz Sarlo (2007), “A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer, [...], mas de sua lembrança” (SARLO, 2007, p.25). Nesse sentido, a memória falha, cria imagens para preencher a lacuna narrativa, distorce fatos para ficarem críveis aos olhos do leitor, que, por ser enganado, pode ter seu ponto de vista prejudicado, ser errôneo sobre a história contada pelo protagonista. Na

passagem a seguir, o leitor poderá entender que a invenção de Juliano sobre a cena pós-sexo entre Isabela e seu amante, Lord Rude, policial aposentado, se justifica tanto pelo exercício dele de mentir em prol de sobrevivência quanto por brincar com a situação, já que o narrador está apaixonado pela dona do bordel, conforme esta passagem dirigida a Clara:

[...] Isabela acendeu outro cigarro, pensando em Juliano.

Clara perguntará: Como você sabe que Isabela pensava em você? [Juliano] Como você sabe o que ela pensava? Como você sabe que Rude pensava?

Eu responderia: Ora, porque sou um mentiroso.

Não. Melhor deixar essas páginas comigo. (TEZZA, 2002, p.65)

A confissão realizada pelo protagonista-título é guiada por Clara, já que era uma sessão de terapia na prisão. A narrativa é para ela e não para o leitor. Na passagem “Clara pede que eu comece pela infância. Bem, eu tinha tudo para dar certo, exceto a família” (TEZZA, 2002, p.9), marca o ponto de início da narração e mostra que Juliano estava fadado ao fracasso. Logo no primeiro capítulo, o narrador junta a infância com a adolescência, o que pode demonstrar uma raiva instaurada em Juliano na fase em que era criança ou vaga lembrança por parte dele. Defendemos a primeira opção, visto que ele foca muito o pai que, além de ser um homem de poucas palavras, via a vida como “uma tarefa incômoda, alguma penitência da qual ele deveria se livrar tão logo as lições estivessem pagas. Que estorvo, estar vivo – era o que ele dizia sem dizer, todos os dias, com um mau humor minucioso. Certas pessoas são incompletas de um modo estranho” (TEZZA, 2002, p.9).

Durante a narração, o protagonista-título possui dificuldade em criar um laço afetivo com o pai, que tinha “gestos previsíveis, de pouca fala e de uma emoção sufocada - mas não ausente” (TEZZA, 2002, p.10), era “um homem substancialmente triste” (TEZZA, 2002, p.10) e mecânico. Após a morte súbita dele, em uma madrugada, Juliano não ficou abalado, o que surpreende o leitor que esperava que fosse ficar triste com a partida do seu progenitor. Na verdade, o protagonista-título sente-se aliviado porque iria abandonar sua família, fazer sua fuga para Curitiba em busca da liberdade da vida pobre que era destinada a ele, desde o seu nascimento. Essa insensibilidade de Juliano pelo falecimento do pai é explicada por Freud (1900) ao dizer que “a tristeza de um filho pela morte do pai não consegue suprimir sua satisfação por ter finalmente conquistado sua liberdade. Em nossa sociedade de hoje², os pais tendem a se agarrar desesperadamente ao que resta de uma *potestas patris familias* agora tristemente antiquada.” (FREUD, 1900, p.175, *grifo do autor*). Devido a esse sentimento de

² A palavra “hoje” na época em que foi escrito o texto refere-se ao fim do século XIX. No entanto, devido ao comportamento das pessoas do mundo ocidental não mudou em relação à questão afetiva de pais e filhos no século XXI, dá para estender o significado para o tempo atual.

raiva e alívio em relação ao pai, o narrador autodiegético mal fala de sua mãe analfabeta e suas irmãs mais velhas que sabiam ler, porém pouco.

Na segunda parte do primeiro capítulo, Juliano esbarrará com Isabela, sua salvadora, protetora e mentora. Ela irá ajudar e cuidar dele, ao oferecer afeto e moradia, para o desgosto de Lord Rude, policial corrupto e seu amante, já que era arriscado cuidar de um garoto que poderia prejudicar no esquema ilegal do bordel dela. O narrador autodiegético apresenta uma nova vida, conforme esta passagem:

Acordei aos dezesseis anos e dois dias com a claridade que descia da clarabóia (sic) do teto, um facho preciso de luz, como a espada de um anjo, talvez o mesmo anjo que, na gravura de minha infância, protegia duas criancinhas loiras atravessando uma ponte aos pedaços sobre o abismo, em meio a uma tempestade sinistra. Havia mil pontos de pó suspensos naquela luz reta, numa lentíssima dança. (TEZZA, 2002, p.35)

Além disso, reitera a proteção, que antes não tinha na sua casa, oferecida por Isabela, como se fosse uma mãe, como esta passagem:

Senti a proteção da coberta caseira e, pelo menos naquele instante, nenhum medo, enquanto a manhã se armava, pedaço a pedaço. Era *uma proteção provisória, mas sólida*, aquele colchão macio, aquele sótão apertado – e sorri, remoendo minha aventura, minha liberdade e minha eficiente covardia. (TEZZA, 2002, p.35, *grifo nosso*)

Juliano possuía um caráter imaturo para a idade dele, 16 anos. Ele lia muitos livros de aventuras, tais como o de Julio Verne, e misturava referência dessas histórias para a sua realidade. Referia-se a Rude como “Lord”, por ser alguém importante e respeitado, todavia há um significado irônico, já que era uma pessoa sem ética e corrupta, e a Isabela como “deusa”, conforme ele narra para Clara, sua única interlocutora na cadeia, o momento em que ele senta ao lado dela no ônibus, como este trecho:

Bem, eu quero transmitir a Clara a exata sensação que me tomou a alma quando sentei na poltrona 28 e olhei para o lado, para o meu lado. A sensação; não, digamos, a “realidade”. Para a minha infância, tratava-se de uma deusa, vislumbrada em meio ao meu espanto de fuga – e talvez meus olhos grudassem nela não tanto pela sua beleza, mas como um gancho que o alpinista joga para escapar do abismo. E ela era perfumada! (TEZZA, 2002, p.19)

Ele está no estágio inicial de conhecimento da vida, já que ele não suspeitava que morava em um bordel, lugar de perversões em que abrigava prostitutas. Sua fuga de sua terra

natal para Curitiba, por consequência, morar com Isabela consiste no primeiro estágio de formação do personagem, como defende Diltthey (*apud* SCHWANTES, 2007):

O conflito de gerações, a viagem para uma cidade grande (uma vez que o protagonista usualmente vive em uma cidade pequena: quando as possibilidades de educação em sua cidade se esgotam, ele é mandado para completar sua formação acadêmica em um grande centro) [...], a formação acadêmica em si e, ao lado dela e mais importante, a educação informal, que permite ao provinciano protagonista conhecer as regras da sociedade, e, para que isso aconteça, o encontro com um mentor, geralmente um homem mais velho que toma o protagonista sob sua proteção. [...] O protagonista deve passar, igualmente, por dois casos de amor, um feliz e outro infeliz, para aprender a lidar com sucessos e insucessos igualmente; ele deve fazer uma escolha profissional que lhe permita ser um membro produtivo da comunidade e ao mesmo tempo realizar-se como pessoa. Geralmente, ele encontrará um lugar mais tolerante, mais cheio de possibilidades que seu meio de origem, e se estabelecerá ali. Não obstante, deverá visitar sua cidade natal, já um homem formado e bem sucedido. (*apud* SCHWANTES, 2007, p.54-55)

O capítulo intitulado “17 anos” introduz o segundo estágio de evolução do personagem-protagonista, já que aos poucos perde a inocência e começa a se aproximar de Odair, um rapaz malandro e frequentador assíduo do bordel de Isabela. Ele apresentará a vida de ladrão para Juliano. Antes disso acontecer, o narrador autodiegético afirma para Clara, sua única interlocutora na cadeia, que se moldou para conseguir se adaptar ao ambiente em que estava, no caso o bordel, ou seja, houve a *Erziehung* (educação), como mostra este trecho:

O aprendizado foi miserável, confesso, mas não houve outro. É só com aquilo que eu posso contar. [...] Aprendi a fumar, a beber, a não vomitar; aprendi a mentir com uma sofisticação nunca antes atingida. Aprendi a discernir uma enorme gama de nuances de comportamento, a avaliar, a ponderar e a controlar o meu medo, e a usar a minha força. Aprendi a arrombar casas como quem se diverte, não como quem violenta. [...] Aprendi que há um mundo dos meus significados, que não ocupa espaço, mas está em toda parte; e que há um mundo estrangeiro, dos significados alheios, que está em parte alguma, mas ocupa todos os espaços. [...]. Pensando bem, aprendi muito e nada se desperdiçou. Passei os primeiros meses na prisão do meu sótão, sem dor – aquela solidão me fazia bem em todos os sentidos. Era exatamente o que eu precisava para sossegar a alma, esquecer minha história e *consolidar a minha formação*. Em pouco tempo, não se falou do meu passado; ninguém tocava no assunto. (TEZZA, 2002, p. 75- 76, *grifo nosso*)

Formação esta que começa a estruturar o seu caráter que é de um menino não mais inocente, indefeso, mas sim de um rapaz maduro, experiente, como se fosse um dos donos do bordel, rodeado de prostitutas, apresentando aos clientes e para Isabela um status de importância. Em uma das cenas emblemáticas do romance, Juliano tem aulas particulares com Elias, que fica surpreso e com inveja dele por estar no meio das profissionais do sexo. Na passagem “Você é um felizardo, mulher de graça todo dia! [...]. Foi uma decepção – quer dizer, ele não mantinha a dignidade de professor; por outro lado, eu arrombava as portas da

vida adulta; ou eu aprendia a me defender ou seria devorado mal saído da infância [...]. Percebi que eu era *invejado*, ainda que por motivos tortos;” (TEZZA, 2002, p. 83, *grifo do autor*) ilustra a influência do protagonista-título.

Morgenstein (*apud* MAAS, 2000) reitera a ideia de que *Juliano Pavollini* pode ser denominado um romance de formação, como este trecho “[Tal forma de romance] poderá ser chamada de *Bildungsroman*, sobretudo devido a seu conteúdo, porque ela representa a formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de perfectibilidade” (*apud* MAAS, 2000, p. 46).

A partir da passagem “*Momentos específicos. Vejamos*” (TEZZA, 2002, p. 86, *grifo do autor*), Juliano narra para Clara seu primeiro encontro com Odair no bordel. No trecho “Minha convivência com Odair foi possivelmente a mais frutífera daquele ano (aquele que os frutos a que me refiro não sejam nenhum modelo a ser seguido) – e, no entanto começou de *forma violenta e traumática*” (TEZZA, 2002, p. 86, *grifo nosso*), o narrador autodiegético nos adianta que se envolveu em uma briga com ele, o que mais tarde veremos durante a narração, após Odair provocá-lo com frases, tais como “O viado vai desfilar?” (TEZZA, 2002, p. 87) e “A bonequinha vai viadar?” (TEZZA, 2002, p. 87), tomará um soco desferido por Juliano, que será aplaudido por todos os presentes do bordel de Isabela, que não gostará, principalmente quando Lord Rude o tratar como um pai, depois do ocorrido com Odair.

Essa imposição de respeito por parte do protagonista-título será explicada por John Smith (1997) que faz um paralelo entre a *Bildung* (formação) e a dialética de Lacan, ao indicar que o processo de desenvolvimento de um indivíduo está ligado ao desejo, e não à necessidade, afirmando que esse desenvolvimento é movido em função da representação que o status da evolução dará. Ou seja, Juliano desejava dar um soco em Odair por desejar ser respeitado pelos presentes no bordel, que é um ambiente machista e prejudicaria a imagem de rapaz viril do protagonista-título.

Outra passagem desse capítulo em que o narrador autodiegético está em estágio de desenvolvimento quanto à questão da maturidade é durante uma partida de sinuca entre ele e Odair, no bar do pai de seu novo amigo. Na passagem “e a cada tacada me sentindo mais seguro, antevendo o olhar de superioridade quando voltasse ao ninho, como quem, enfim, se tornou adulto. Isabela saberia, finalmente, quem era Juliano Pavollini. *Eu* cuidaria dela (TEZZA, 2002, p.95, *grifo do autor*)”, o protagonista-título deixa claro que deseja Isabela como mulher e não como uma mãe, como ele via no início do romance. No capítulo chamado “16 anos”, a dona do bordel era vista como deusa para ele, apesar de começar a despertar nele

sentimentos lascivos, porém no capítulo subsequente, é evidente a mudança de status de Isabela para Juliano: De deusa intocável a mulher desejável e real.

No decorrer do capítulo, Juliano e Odair invadem uma casa chique, que posteriormente o leitor descobrirá que é de Doroti, a garota por quem o protagonista-título se apaixona. Lá roubam um gravador, joias e dinheiro. No momento em que eles irão sair, Juliano se depara com uma foto que é da dona da casa e guarda-a para recordação. A partir desse momento, há uma virada narrativa. Ele começa a perder o interesse em Isabela e desejará Doroti, cujo nome é tirado do desenho “O mágico de Oz”, como o próprio narrador cita. Ele vê na menina, que é filha de um renomado advogado como a salvação tanto social, já que é rica, quanto amorosa.

Com base nessa mudança na narrativa, quanto às pretensões de Juliano, citamos Bárbara Freitag (2001), para falar que *Juliano Pavollini* é um romance que “contém ‘provas’, às quais o herói é submetido – o amor, o sacrifício do amor, a renúncia –, que aprimoram sua personalidade e a enobrecem moralmente, o que se reflete em sua inserção transformadora do mundo” (FREITAG, 2001, p. 69).

Ainda no capítulo “17 anos”, Juliano fala de seu amadurecimento justamente quando completava um ano da morte de seu pai. O caráter dele estava ainda em processo, mas, de acordo com sua narrativa, evoluiu bastante, desde que esbarrou com Isabela no ônibus, conforme esta passagem:

Fazia exatamente um ano que meu pai estava morto. Aos dezessete anos, eu já era bastante senhor de mim mesmo. No currículo, vários assaltos esportivos, um em cada bairro da cidade, para deleite meu e lucro de Odair. Já conseguia ganhar dele no bilhar, e eram mais raras as broncas de Isabela, ainda que minha rédea continuasse curta. Mas eu já dominava os mecanismos de Isabela, o que eu podia e o que eu não podia fazer. (TEZZA, 2002, p. 107)

O capítulo se encerra quando Juliano perde a virgindade, momento muito específico que é pedido pela psicóloga Clara, provocando, portanto, um autodescobrimento ainda maior, já que venceu um obstáculo que qualquer jovem terá de encarar.

O parágrafo que abre o capítulo intitulado “18 anos” apresenta a transformação do protagonista-título em um rapaz mais maduro, experiente, renascido, devido à perda da virgindade, conforme mostra a passagem:

Acordei mais velho – e sozinho. Foi bom; teria tempo de compreender. *Um outro Juliano*, entre os seis ou sete que se acumulavam, desceu uniformizado a escada de caracol para mais uma manhã de aulas, pasta azul debaixo do braço. Antes, ao me pentear ao espelho, tive a certeza de que estava um pouco mais alto mesmo – e a gravidade do olhar, a curva do sorriso, a face inteira era a de um homem. [...] se Deus saberia do meu renascimento, se saberiam todos, só de me olharem, que eu

havia passado a noite com uma mulher, pela primeira vez na vida. E que magnífica mulher! – eis o que eu diria de peito inchado, porque era única (TEZZA, 2002, p.129, *grifo nosso*)

No entanto, Juliano não estava satisfeito com sua evolução. Ele desejava Doroti, sua paixão misteriosa. Ele via nela, como já mencionado, uma salvação social e amorosa. Seu desenvolvimento estava incompleto, porque continuava chamar Isabela de “Rainha”, “Rainha louca”, “deusa” e Rude de “Lord”, ou seja, não conseguia se desvincular das expressões que ele usava quando era mais novo.

Para Clara, Doroti seria o impedimento da evolução de Juliano, já que, de acordo com a psicóloga, ele se refere a ela como uma imagem, o que dificulta na análise comportamental e mental de Juliano, e pede para que foque a narrativa em Isabela, pois era uma referência segura da realidade, como esta passagem:

[...] Clara sugere que a imagem que faço de Doroti é exatamente isso: uma imagem. Como poderia ser de outra forma? Pergunto (talvez afoito demais) e ela se corrige. Não, eu quero dizer o grau de idealização, que de tão abstrato muito provavelmente não corresponde à realidade, você entende? Nem ela entende, [...]. Ela diz isso porque não é Juliano, não conheceu Doroti, [...] é simples, mas faz uma diferença brutal. Fico quieto, entretanto; é possível que ela tenha razão, sou um mentiroso. Ela insiste, quase irritada, em voltar à Isabela; este sim é o ponto central. Um espanto: Clara não gosta de Doroti. (TEZZA, 2002, p.163)

O final do capítulo é o início de namoro de Juliano e Doroti e a sensação da liberdade novamente chega a ele. Quando a menina diz para o amado que o pai dela às vezes precisa de um auxiliar de escritório, o protagonista-título percebe a oportunidade perfeita para ser bem-sucedido socialmente e, no capítulo final, ele sonha com uma sociedade com o sogro.

No capítulo final chamado “Fim”, Juliano consegue o emprego no escritório do sogro e avisa a Isabela que tinha perdido o bordel. Após a tentativa frustrada da ex-dona do bordel em comemorar o aniversário dele, o protagonista-título anuncia que irá abandoná-la, namora Doroti e morará em uma casa alugada. Em um momento de raiva, Isabela começa a agredir Juliano que revida e a estrangula.

No momento em que decide confessar para Doroti sobre quem ele é de verdade, quem é Isabela e o que fez com ela, entra em delírio ao pensar que, ao confessar o crime, mesmo assim conseguirá a liberdade, conforme esta passagem:

Doroti. Iria agora mesmo falar com ela, finalmente confessar a alguém a minha vida. Pediria proteção ao dr. Melo. Eles me ajudariam com certeza. Todos veriam a humilhação, o massacre que Isabela me impunha. Mas, desgraçadamente minha covardia não resistia a um minuto de cálculo: eu já não era, de fato, mais nada. Fim. Dezoito anos e fim. Desista. [...] Não tem perdão, mas é decente. Alguém vai

admirar o seu gesto. [...]. Prevê-se que o garoto será absolvido por unanimidade, uma vez que o crime foi cometido em legítima defesa. Grande número de populares lotou o Tribunal do Júri em apoio ao infeliz menino. (TEZZA, 2002, p.210)

Nesse trecho, percebemos que Juliano não evoluiu o seu caráter, a sua personalidade por completo, visto que possui atitudes e pensamentos de menino imaturo e inocente. O protagonista-título, no fim do romance, confessa tudo para Doroti, que fica decepcionada e avisa o pai que, junto com a polícia, prende – o e é condenado por mais de quinze anos de prisão.

Considerações finais

No Brasil, a obra *Juliano Pavollini*, de Cristóvão Tezza é considerada um romance de formação, visto que o protagonista-título passa por etapas a fim de desenvolvimento pessoal. Além disso, classifica-se, de acordo com Mikhail Bakhtin (1997), como um romance com características autobiográficas, porque o narrador conta a sua vida para uma interlocutora, no caso a psicóloga Clara.

O primeiro processo de autoaperfeiçoamento se deu após a morte de seu pai e sua fuga para Curitiba. Lá encontrou Isabela que era sua protetora e sinônimo de liberdade da vida pobre que estava destinada a ele. Seu caráter era imaturo, por misturar fantasia e realidade, ao chamar Isabela de “rainha” e Rude de “Lord”.

A segunda etapa ocorreu quando Juliano começa a sair com Odair, seu amigo da malandragem, para ficar menos inocente. O ápice desse nível de desenvolvimento foi a perda da virgindade.

A terceira e última etapa é a conquista de independência em relação a Isabela, ao conseguir um emprego, e o namoro com Doroti. No entanto, ao matar a dona do bordel e confessar o crime à namorada, o processo foi suspenso. Notamos que o personagem-título não teve uma evolução completa, pois, nas três fases, não perdia o comportamento inocente de uma pessoa que confundia o real com o imaginário, evocando personagens de histórias de aventuras.

Portanto, nota-se que, apesar de *Juliano Pavollini* apresentar um protagonista que visa à evolução de sua personalidade, não consegue totalmente, tendo em vista que Juliano possui recaídas, ao se comportar como um adolescente apaixonado, tanto na morte de Isabela, quanto confessar o crime, assim como o roubo na casa a Doroti. O narrador autodiegético, que buscava apresentar uma versão de rapaz esperto para Clara, assim como para o leitor, ao

mentir para sobreviver e fugir do seu destino afortunado, que era a pobreza, foi traído por sua própria impulsividade, resultando em tomar atitudes totalmente inconsequentes.

A pergunta que fazemos é a seguinte: será que ele realmente era apaixonado por Doroti, ao se entregar indiretamente para a polícia? Ou melhor: será que Juliano percebeu que estava sem saída e seria pego mais tarde pela morte de Isabela e preferiu confessar? A narrativa tezziana nos provoca por meio dessa dúvida, já que, como o próprio Juliano Pavollini afirma: “desfiei mentiras de mentirinha, em que o prazer de me tornar outra coisa que não eu mesmo era incontrolável e doce” (TEZZA, 2002, p.24).

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FREITAG, Bárbara. **O indivíduo em formação: diálogos inter-disciplinares sobre educação**. (3ª ed). São Paulo: Cortez, 2001.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1900, vol.4.
- MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- MORETTI, Franco. **O romance de formação**. São Paulo: Todavia, 2020.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHWANTES, Cíntia. Narrativas de formação contemporânea: uma questão de gênero. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n.30, p. 53-62, 2007. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9135/8142>. Acesso em: 19 ago. 23.
- SMITH, John H. Cultivating gender: sexual difference, bildung and the bildungsroman. In: EIGLER, Friederike; KORD, Susanne. **The feminist encyclopedia of german literature**. Santa Bárbara: Greenwood Publishing Group, 1997. P. 206-224.
- TEZZA, Cristóvão. **Juliano Pavollini**. São Paulo: Rocco, 2002.